

CURSO

currículos inovadores

oportunidade para as IES
diante da revolução pós-digital

MÓDULO I

Definindo as eras Digital e Pós-Digital

Ao longo da história, os seres humanos foram ampliando os limites das fronteiras geográficas e otimizando o uso do tempo em relação ao esforço para realizarem as mais diversas tarefas. Boa parte desses avanços deve-se à evolução das tecnologias de transporte e de comunicação. Naturalmente, as possibilidades de interação e conexão entre mais pessoas e lugares com diferentes culturas e formas de ver o mundo também foram se estreitando e ampliando.

Inúmeras foram as tecnologias que nos trouxeram a este momento da história, iniciando pela fala e escrita e, posteriormente, continuando por todos os meios criados para que a informação chegasse a várias pessoas e lugares com mais rapidez, eficiência e clareza. Desde os anos 1940, a informação foi cada vez mais sendo armazenada, processada e transformada em dados digitais – aqueles que se originam da interação do ser humano com máquinas de processamento eletrônico orientadas para a solução de problemas. Tais máquinas são os computadores.

A possibilidade de armazenar a informação em meios digitais uniu-se ao avanço e à popularização da internet, gerando uma aceleração enorme no que entendemos por “estar conectados”. Hoje, estamos conectados não somente a outras pessoas, mas também a plataformas, aplicativos, algoritmos, robôs, objetos, chips. Esse momento já passa a não mais ser chamado de Era Digital, mas de Era Pós-Digital, ou seja, já surgiram novos modelos de relações pessoais, sociais, culturais e econômicas em virtude de todas as possibilidades que a internet e os novos meios de comunicação nos proporcionam. Essas novas relações trazem informações revisitadas sobre quem somos, o que gostamos e como nos relacionamos com tudo o que nos cerca. Chegamos, portanto, ao que chamamos de Era Pós-Digital.

Com o aumento da velocidade e da abrangência da internet, um número cada vez maior de pessoas entra na linha de produção de informações e conteúdo.

Como consequência, ocorre uma descentralização do acesso ao conhecimento. Agora, ele se dá em múltiplas possibilidades, a partir de diversas fontes e conexões, o que transforma significativamente o processo educacional. A partir deste momento, os professores não detêm o domínio e a gerência do conteúdo; ele está disponível para todos, em qualquer lugar e a qualquer momento. O fluxo das informações, antes centralizado e unidirecional, passa a ser descentralizado e multidirecional. O professor não é mais o “dono” da informação/do conteúdo ou o agente que filtrava o que o aluno aprenderia, já que era o único ponto de contato do aluno com o conteúdo. Na Era Digital – mais ainda na Pós-Digital –, os alunos passaram a ter acesso a todo tipo de conteúdo em larga escala, de qualquer lugar e a qualquer momento.

As conexões que a internet e as mídias sociais proporcionam não afetaram apenas o processo de transmissão de conteúdo. Mais do que isso, potencializam as novas formas de aprendizagem, além do ambiente da sala de aula. Desse modo, os sistemas educacionais estão sofrendo uma grande transformação, que deve ser considerada imediatamente na implantação dos novos modelos educacionais e na adaptação dos modelos já existentes.

Com o aumento exponencial do uso de plataformas digitais tem-se um aumento crescente de algoritmos computacionais, que identificam, de forma cada vez mais personalizada, o que cada indivíduo produz ou busca de informações, independentemente de ser professor ou aluno. Tais algoritmos têm auxiliado na tomada de decisões, o que torna muito mais importante a habilidade de conectar informações e dar novos sentidos e significados para diferentes contextos.

Essa habilidade mostra-se ainda mais essencial na construção dos novos modelos educacionais, que precisam formar o ser humano para um futuro que já está acontecendo. Cada vez menos o processo de aprendizagem se dará pela memorização de conteúdo, e cada vez mais pela conexão criativa de conhecimentos, ou seja, pela solução de problemas para as realidades vivenciadas por cada indivíduo.

Utilizada no início do parágrafo anterior, a palavra exponencial tem sido bastante empregada e geralmente refere-se a um crescimento alto, inesperado e rápido dos impactos de um dado evento. No mundo digital, ela ficou muito associada à conhecida Lei de Moore. Em 1965, Gordon Moore, cofundador da Intel (empresa de microprocessadores sediada na Califórnia/EUA), afirmou que o número de transistores colocados num circuito integrado (chip) de tamanho fixo aumentaria exponencialmente, dobrando sua capacidade a cada dois anos. Essa lei continua verdadeira e se adapta não apenas aos transistores, mas a qualquer dispositivo digital eletrônico.



A internet, vista como um meio de comunicação entre dispositivos digitais, também se ajustou a essa lei, sendo um local propício para o surgimento de eventos exponenciais, que crescem vertiginosamente de uma hora para outra. Como qualquer pessoa pode gerar conteúdos e compartilhá-los na rede – e como cada pessoa está conectada a uma diversidade de outras pessoas que também possuem as suas redes de conexão –, compreende-se claramente a velocidade exponencial da propagação e transmissão de conteúdo. Se somarmos a isso a velocidade cada vez maior das bandas de internet e o acesso de qualquer lugar e a qualquer momento, temos a ocorrência crescente de eventos que geram impactos de difícil previsão. Quando tais impactos possuem a capacidade de modificar as relações de trabalho, pessoais e culturais, bem como seus respectivos processos e protocolos, dizemos que ocorreu uma inovação disruptiva, ou seja, o surgimento de algo novo que rompeu paradigmas e crenças.

Como pontuado anteriormente, vivemos em uma era na qual a sociedade sofre amplas e profundas transformações, com alto impacto e alcance na forma como nos relacionamos com tudo o que nos cerca. Nesse sentido, o relacionamento com o aprender também entra em choque: Qual será a medida do que deve ser aprendido? Qual é o limite do aprender? O que a sociedade espera de cada indivíduo – quais habilidades, quais competências?

Em meio a tudo isso estão as empresas – entre elas, as de educação (instituições de ensino), que precisam acompanhar tais transformações e as mudanças paradigmáticas decorrentes. As instituições educacionais estão realizando o exercício de imaginação sobre como o mundo poderia ser amanhã e desenvolvendo continuamente novas formas de se relacionar com seus estudantes. Infelizmente, não existe uma fórmula mágica, pois, com a forte imprevisibilidade, a dinâmica de tentativa e erro torna-se a única maneira de avançar em um setor imerso em rápidas mudanças. É o espírito das startups do Vale do Silício: se errar, erre rápido e aprenda mais rápido ainda com o seu erro.

Existe uma necessidade fundamental de reestruturação e adaptabilidade, com a criação de modelos de negócios diferentes, estruturas organizacionais inovadoras, bem como novos perfis de recursos humanos.

Referência bibliográfica:

DAMAS, Maximiliano; VILAS-BOAS, Patrícia. Lições sobre o Século XXI: reflexões sobre as complexidades da Educação Superior na contemporaneidade. **Estudos: Revista da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior**, Brasília, v. 32, n. 44, p. 12-15, maio. 2020. Disponível em: <https://abmes.org.br/editora/detalhe/110> Acesso em: set. 2020.

